

Nazismo e fascismo

João Pedro Ricaldes dos Santos – História

O fascismo (na Itália) e o nazismo (na Alemanha) foram dois regimes políticos totalitários, isto é, duas formas de controle total do Estado sobre todos os aspectos da vida social. Caracterizavam por um forte sentimento nacionalista e antidemocrático e contaram com o decidido apoio da elite empresarial. Desenvolveram-se no período entre guerras (1919-1939) e uniram-se na Segunda Guerra Mundial no bloco do Eixo (Itália-Alemanha-Japão) contra os aliados (EUA-URSS-França-Inglaterra)

O nazismo e o fascismo defendem a supremacia do Estado sobre o indivíduo, ao contrário do princípio democrático dos direitos individuais (de expressão, de voto, de participação). Veja como Mussolini definia o fascismo:

“Anti-individualista: a concepção fascista é feita para o Estado; é-o também para o indivíduo enquanto faz corpo com o Estado. Isto porque, para o fascista, tudo está no Estado, e nada de humano nem de espiritual existe fora do Estado. Neste sentido, o fascismo é totalitário, e o Estado fascista, síntese e unidade de todo valor, interpreta e dá poder à vida inteira do povo. Nem agrupamentos - partidos políticos, associações, sindicatos -, nem indivíduos fora do Estado.” (Benito Mussolini. Obras. Apud Gustavo de Freitas, 900 textos e doc. de História, v. III, p. 286.)

Os partidos de extrema direita foram mais fortes na Itália (fascismo) e na Alemanha (nazismo), mas se espalharam por toda a Europa e por alguns países não europeus. Como exemplo, podemos citar a Guarda de Ferro (Romênia), a Falange (Espanha), a União Britânica dos Fascistas, a Action Française (França) e a Ação Integralista (Brasil).

A humilhação alemã no Tratado de Versalhes criou um ambiente favorável à pregação revanchista, nacionalista e violenta do nazismo.

Mas a Alemanha encontrava-se polarizada entre duas forças políticas, que se enfrentavam nas ruas e nas urnas: “os conservadores (burgueses, proprietários rurais, oficiais do exército, nazistas) e a esquerda (trabalhadores, desempregados, comunistas e socialistas). Estava criada uma situação de impasse. A mera repressão não dava resultado e não havia a intenção de atender às reivindicações dos manifestantes. Este “equilíbrio de poder” transformou a Alemanha nos anos do pós-Primeira Guerra em um grande caldeirão social, marcado por greves, revoltas e golpes fracassados.”(Arnaut. Luiz. A segunda grande guerra, 1994, pag 17)

O apoio empresarial foi decisivo para o nazismo chegar ao poder. Fritz Von Thyssen, um poderoso empresário alemão explica o seu apoio a Hitler: “Para combater o revolucionarismo e as tendências anárquicas dos primeiros anos da República de Weimar, financeiei várias formações patrióticas de caráter militar, entre as quais o Partido Nacional Socialista. Como muitos outros homens da direita, era de opinião que Hitler teria sido um importante fator na reconstrução da Alemanha; e esta foi a razão pela qual lhe dei um apoio cada vez maior. Acreditava firmemente que com isso, seria afastada a crise revolucionária.”(Darizzo, O nazismo. In Revoluções, v. 3, p. 478.)

Ao mesmo tempo o discurso de Hitler ganhava grande popularidade, oferecendo ao povo alemão uma alternativa autoritária de poder e, ao mesmo tempo, o bode expiatório: a crise, o desemprego e a humilhação da Alemanha seriam obra de comunistas (ligados à URSS) e judeus (inimigos internos):

“Qualquer animal só se ajunta com um congênere da mesma espécie: a cegonha com a cegonha, o rato com a rata, o lobo com a loba, etc. Todo cruzamento de dois seres de valor desigual dá como produto um meio-termo entre os valores dos pais. Tal ajuntamento está em contradição com a vontade da natureza, que tende a elevar o nível dos seres. Este objetivo não pode ser atingido pela união de indivíduos de valor diferente, mas só pela vitória completa e definitiva dos que representam o mais alto valor. O papel do mais forte é o de dominar e não o de fundir-se com o mais fraco, sacrificando assim a sua própria grandeza. Só o fraco de nascimento pode achar cruel esta lei, mas é por ser apenas um homem fraco e limitado.” (Adolf Hitler, Minha luta.)

O crescimento dos seus eleitores e filiados levou o Partido Nazista a vencer as eleições de 1933, na qual Hitler foi eleito Primeiro Ministro democraticamente.

A Itália vivia a mesma crise social e econômica pós-primeira Guerra. Também ali houve a polarização entre esquerda e direita. Também ali a direita (fascistas) recebeu o apoio dos empresários (além do Papa):

"Uma vez no poder, os nazistas perseguem e eliminam seus opositores, constituindo-se no único partido permitido. Na Itália fascista ocorrerá algo muito semelhante. Assim, as manifestações de

descontentamento político e social deixam de acontecer, mais por medo e intimidação do que por ausência de motivações. (...) Toda e qualquer oposição aos nazistas passou a ser considerada traição aos interesses da comunidade alemã. Qualquer ato ou palavra que manifestasse discordância com as decisões oficiais do Führer era considerado crime. Observamos, assim, que as figuras políticas da Alemanha, do Partido Nazista e de seu chefe se confundiam. Nos desfiles e manifestações oficiais os símbolos e bandeiras são os nazistas. O Estado, sob domínio nazista, pretendia controlar todas as manifestações da sociedade. A cultura era um dos setores mais vigiados. Pretendia-se que as pessoas só tivessem acesso a idéias nazistas. Faziam-se verdadeiros espetáculos públicos com a queima de pilhas de livros considerados antigermânicos (...). O Estado nazista interferiu em vários outros aspectos da vida social, como no esporte, no casamento (proibindo casamentos de judeus com alemães).”(Arnaut. Luiz. A segunda grande guerra, 1994, pag 28-30)

Os nazistas pretendiam ainda preparar a juventude desde cedo para que seguissem as suas idéias: “A juventude alemã, além de ser educada na família e nas escolas, será forjada física, intelectual e moralmente no espírito do Nacional-Socialismo por intermédio da juventude de Hitler.(Lei de 1º de dezembro de 1936, citado em W. L. Shirer,p. 376.)

Ao mesmo tempo, os nazistas lançam mão de uma política militarista e expansionista, capaz de mobilizar a população em torno da conquista do "espaço vital". Hitler invadiu a Áustria (1938) e a Tchecoslováquia (1939), o que provocaria o início da Segunda Guerra Mundial.